

RUBEM BRAGA

CHAGALL

18-9-57

ESTE fim de semana vou ver a Bienal, e confesso que vou principalmente para ver a retrospectiva de Marc Chagall. O Júri Internacional deu o Grande Prémio a Morandi, e premiou como Melhor Pintor Estrangeiro o inglês Ben Nicholson; a Chagall coube um elogio especial em uma nota distribuída à imprensa, em que se fala do «génio pictórico do mestre e seu papel histórico como pioneiro das artes do século XX». O Júri tem suas razões e sua política; e esse elogio a Chagall revela uma certa consciência de que não se premiou o melhor; é quase um pedido de desculpas.

Morandi e Nicholson são, na verdade, excelentes pintores. Chagall é um excelente pintor e um pouco mais do que isso, um grande artista. Tive a sorte de passar um domingo em sua casa, em Vence, vendo seus quadros, e de conversar horas com ele. A beleza de Chagall está na profunda irmandade de sua obra e sua pessoa; a humildade lírica e a força dramática moram ali. Não me esquecerei do entusiasmo ingênuo com que me falou de sua própria pintura, de sua filha, de seu povo. Diante daqueles quadros que nos falam de amor, de sonhos, de infância, de medo e de Deus, como nos parecem pobre a geometria de Nicholson e vazias as garrafinhas de Morandi!

Sei que essa coisa de júri não tem conserto; judeu e russo, Chagall não tinha vez. Mas teria sido honroso para esse júri internacional superar sua própria política e exaltar o grande pintor neste 1957 em que ele faz 70 anos.